



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
NA CERIMÓNIA DE CONCLUSÃO
DOS TRABALHOS DE RESTAURAÇÃO
DA CAPELA SISTINA**

Sábado, 11 de Dezembro de 1999

1. *"Do mesmo modo vós também, como pedras vivas, entrai na construção dum templo espiritual"* (1 Pd 2, 5).

A esta imagem bíblica do mistério da Igreja seria difícil encontrar um comentário mais eloquente do que esta Capela Sistina, da qual hoje podemos gozar o seu total esplendor, graças à restauração há pouco concluída. Unem-se à nossa alegria os fiéis de todas as partes do mundo, aos quais este lugar é querido não só pelas obras de arte que conserva, mas também pelo papel que desempenha na vida da Igreja. Com efeito, realiza-se aqui recordo isto com emoção a eleição do Sucessor de Pedro.

Há cinco anos, a 8 de Abril de 1994, pude indicar nas cores originais finalmente reencontradas as obras de Miguel Ângelo que, sem dúvida, dão tonalidade a esta sala e, num certo sentido, a absorvem, tamanha é a sua grandeza. Elas elevam-se até ao último horizonte da teologia cristã, indicando o alfa e o ómega, o início e o juízo, o mistério da criação e o da história, fazendo convergir tudo para Cristo salvador e juiz do mundo.

Mas hoje o nosso olhar é convidado a deter-se no mais humilde mas muito significativo ciclo parietal, que deu o primeiro rosto à Capela querida por Sisto IV. Nestes afrescos colaboraram grandes artistas florentinos e úmbrios, tais como Perugino, Botticelli, Pinturicchio, Ghirlandaio, Rosselli e Signorelli. Eles inspiraram-se num precioso desenho, compondo uma obra unitária, que se integra bem no conjunto arquitectónico e pictórico que se foi formando gradualmente, tornando-se um elemento de particular eficácia evocativa.

Sinto-me feliz por podê-la restituir hoje a uma renovada fruição estética. Agradeço profundamente ao Senhor Cardeal Edmund Casimir Szoka, Presidente da Pontifícia Comissão para o Estado da Cidade do Vaticano, ao Dr. Francesco Buranelli com todos os Responsáveis pela Direcção Geral dos Monumentos, Museus e Galerias Pontifícias, aos operários e a todos os que, de várias formas, se tornaram beneméritos desta ulterior recuperação artística.

2. Percorrendo com o olhar a dupla série de pinturas parietais não é difícil captar a sua simetria, aliás evidenciada pelos "títulos" que têm na parte superior. Dum lado sobressai a figura de Moisés, do outro domina Cristo. O percurso iconográfico é uma espécie de *lectio divina* na qual, ainda antes dos episódios bíblicos individualmente, emerge a unidade das Escrituras, do Antigo e do Novo Testamento, na linha histórico-salvífica que dos acontecimentos do êxodo leva à plenitude da revelação em Cristo.

O paralelismo ilustra de maneira eficaz o princípio hermenêutico enunciado por S. Agostinho: "*Novum Testamentum in Vetere latet, Vetus in Novo patet*" (cf. *Quaest. in Hept. 2, 73*). E na realidade, a própria disposição dos afrescos, quer vista na ordem histórica progressiva quer nas específicas correspondências temáticas, evidencia que tudo gravita em redor de Cristo. O seu baptismo, maravilhosamente interpretado por Perugino, exprime a plenitude daquilo que a circuncisão moisaica simplesmente encobria. As tentações vencidas por Cristo são colocadas por Botticelli em simetria com as provações suportadas por Moisés. A convocação do novo povo, colhida por Ghirlandaio na vocação dos discípulos nas margens do lago de Genesaré, está em relação com a reunião do antigo povo, delineado no fundo dramático da travessia do Mar Vermelho. Cristo pintado por Rosselli na solenidade do sermão da montanha, em comparação com Moisés, parece o novo legislador, que veio não para abolir a lei, mas para a reconfirmar (cf. *Mt 5, 17*). E Cristo sobressai ainda nos afrescos da entrega das chaves e da última ceia, igualmente evidenciados por equivalências do Antigo Testamento.

3. Por conseguinte, destas decorações eleva-se um hino a Cristo. Tudo leva a Ele. N'Ele tudo tem a sua plenitude. Mas é importante considerar que nestas pinturas Ele nunca está só: em redor d'Ele, como de Moisés, são numerosos os rostos de homens e mulheres, de idosos e de crianças. É o povo de Deus a caminho, é a Igreja "casa espiritual", feita de pedras vivas que se unem a Cristo, "pedra viva rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus" (*1 Pd 2, 4*).

Contudo, uma característica distingue o inteiro desígnio teológico e iconográfico, isto é, a atenção dada aos guias deste povo peregrino. Se no Antigo Testamento o olhar se detém em Moisés, acompanhado pelo sacerdote Arão no movimento pintado por Botticelli, no gesto de mostrar a sua autoridade em vão insidiada, no Novo Testamento a centralidade absoluta de Cristo não é ofuscada, mas evidenciada, pelo papel que ele próprio atribui aos apóstolos e sobretudo a Pedro.

Isto emerge especialmente na obra de Perugino, centrada na entrega das chaves. Nela, através

do símbolo da vistosa chave, o artista ressalta a grandeza da autoridade conferida ao primeiro dos Apóstolos. Por outro lado, como que a equilibrá-la, é delineada no rosto de Pedro a tocante expressão de humildade com que recebe o símbolo do seu ministério, estando de joelhos e quase retrocedendo diante do Mestre. Dir-se-ia um Pedro encolhido na sua pequenez, trepidante, surpreendido com esta imensa confiança e desejoso, por assim dizer, de desaparecer, para que só o Mestre permaneça visível na sua pessoa. Um rápido olhar deixa adivinhar nos seus lábios não só a confissão de Cesareia de Filipe "Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo" (*Mt 16, 16*) mas também a declaração de amor feita ao Ressuscitado depois da amarga experiência da renegação: "Tu sabes que Te amo" (*Jo 21, 15*). É o rosto de quem está consciente de ser pecador (cf. *Lc 5, 8*) e de precisar de se arrepende continuamente a fim de confirmar os seus irmãos (cf. *Lc 22, 31*). É um rosto que manifesta absoluta dependência do olhar e dos lábios do Salvador, exprimindo desta forma admiravelmente o sentido do serviço universal de Pedro, conferido à Igreja, com os apóstolos dos quais é chefe, em representação visível de Cristo, o "Pastor supremo das ovelhas" (*Hb 13, 20*), sempre presente no meio do seu povo.

4. Por conseguinte, desde este ciclo originário, a arte desta Capela apresenta-se como um fruto maduro de espiritualidade bíblica. É uma arte que se manifesta capaz como é típico da autêntica arte sagrada "de captar os diversos aspectos da mensagem, traduzindo-os em cores, formas (...) sem privar a própria mensagem do seu valor transcendente e do seu halo de mistério" (*Carta aos Artistas*, 12).

Por este motivo podemos alegrar-nos, se hoje esta tão significativa expressão de arte de '400 volta a resplandecer no seu conjunto de cores originais, restauradas por um diligente e moderno trabalho de restauração. Ela continua a transmitir vibrações do mistério, com uma linguagem que não envelhece, porque diz respeito ao que, no homem, é universal.

Os meus votos, recentemente expressos também na Carta aos Artistas (cf. n. 10), são por que, na esteira de quanto é testemunhado neste "santuário" único no mundo, se restabeleça no nosso tempo a fecunda aliança de fé e arte, para que o "belo", epifania da beleza suprema de Deus, possa iluminar o horizonte do Milénio que está para iniciar.

Enquanto agradeço ao Senhor, que me dá a possibilidade de presidir esta celebração com a qual esta jóia de arte é entregue perfeitamente restaurada ao mundo, invoco a constante protecção divina sobre vós aqui presentes, sobre quantos trabalham nos Museus do Vaticano e os numerosos visitantes que ininterruptamente vêm, de todas as partes do mundo, admirar estas obras de arte.

A todos concedo a minha bênção.

